



UC/FPCE\_2015

Universidade de Coimbra  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Associações entre a Violência nas Relações de Intimidade Juvenil, as Experiências Precoces Negativas e a Vergonha na Adolescência**

Mafalda Gouveia (e-mail: [mgouveia12@gmail.com](mailto:mgouveia12@gmail.com))

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento sob a orientação da Professora Doutora Luiza Nobre Lima

## **Associações entre Violência nas Relações de Intimidade Juvenil, as Experiências Precoces Negativas e a Vergonha na Adolescência**

A Violência nas Relações de Intimidade Juvenil é um problema significativo, porque ocorre numa fase de vida onde se iniciam as relações românticas e são aprendidos padrões relacionais que podem transitar para a vida adulta (O'Keefe, 2005). É entendida como qualquer ação, de natureza física, psicológica, verbal, moral ou mesmo de natureza simbólica, que causa morte, dano ou sofrimento ao outro (Nascimento & Cordeiro, 2011).

O presente estudo, realizado com uma amostra de 339 adolescentes de ambos os sexos (40.7% rapazes e 59.3% raparigas), com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos de idade (M=16.60; DP=1.291), teve por objetivo estudar: 1) a ocorrência e as manifestações de violência nas relações de intimidade dos adolescentes e perceber se as manifestações de violência nas relações de intimidade destes adolescentes variam em função do Sexo, Idade, Nível Socioeconómico, e Residência; 2) analisar a relação entre violência nas relações de intimidade juvenil em adolescentes e as suas memórias acerca de experiências precoces negativas; 3) analisar o eventual papel mediador da vergonha na relação entre as experiências precoces negativas e a violência nas relações de intimidade juvenil. Para o efeito foram utilizados um breve questionário sociodemográfico concebido especificamente para esta investigação, assim como o Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, Wekerle, Grasley & Straatman, 2001; versão portuguesa R. Saavedra, C. Machado, C. Martins, & D.Vieira, 2011); Escala de Vergonha Externa (Goss, K., Gilbert, P., & Allan, S., 1994; versão portuguesa Barreto Carvalho, C. & Pereira, V., 2012); Escala de Vergonha Interna (Cook, 1996; versão portuguesa Matos & Pinto-Gouveia, 2006); Escala de Experiências Precoces de Vida para Adolescentes (Gilbert, P., Cheung, M. S. P., Granfield, T., Campey, F. & Irons, C., 2003; versão portuguesa Pinto-Gouveia, J., Xavier, A., & Cunha, M., 2012).

Os resultados obtidos demonstraram que os processos de vitimização e agressão na violência no namoro previstos pelas experiências precoces de vida negativas e mediados pelos processos de vergonha interna e vergonha externa têm influência direta, pelo que a exposição a vivências precoces adversas, de forma direta ou indireta, aumenta a propensão para a perpetração e aceitação de comportamentos violentos contra futuros parceiros amorosos, bem como, o desenvolvimento de sentimentos de vergonha.

Palavras-chave: violência, relações de intimidade juvenil, experiência precoces negativas, vergonha

### **Associations between Violence in relationships of intimate children, the negative early experiences and the adolescent shame.**

The violence in relationships of juvenile intimate is a significant problem, not only because the alarming prevalence on it as the consequences to the physical and mental health, but also because it occurs in life stage where the romantic relationships start and where they are learned relational patterns that can carry over into adulthood (O'Keefe, 2005).

It is understood as any act of physical, psychological, verbal, moral or even symbolic nature, which causes death, injury or suffering to another (Nascimento & Cordeiro, 2011).

This study, conducted with a sample of 339 adolescents of both sexes, (40.7% boys and 59.3% girls) aged between 14 and 18 years old ( $M=16.60$ ;  $DP=1.291$ ), aimed to study: 1) To analyze the incidence and manifestations of violence in intimate relationships of teenagers aged between 14 and 18 years old and realize that the manifestations of violence in intimate relationships of adolescents vary according to sex, age, socioeconomic status, and residence; 2) the relationship between violence in juvenile intimate relationships in adolescents and their memories about negative early experiences; 3) analyze the possible mediating role of shame in the relationship between negative early experiences, and violence in relations juvenile intimacy.

For this purpose we used a brief sociodemographic questionnaire designed specifically for this research, as well as the Inventory of Conflict in Dating Relationships between Adolescents (Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, Wekerle, Grasley & Straatman, 2001; portuguese version C. Machado, C. Martins, & D.Vieira, 2011); Other as Shamer Scale (Goss, K., Gilbert, P., & Allan, S., 1994; portuguese version Barreto Carvalho, C. & Pereira, V., 2012); Internalized Shame Scale (Cook, 1996; portuguese version Matos & Pinto-Gouveia, 2006); The Early Life Experiences Scale (Gilbert, P., Cheung, M. S. P., Granfield, T., Campey, F. & Irons, C., 2003; portuguese version Pinto-Gouveia, J., Xavier, A., & Cunha, M., 2012).

The results showed that the victimization process and aggression in dating violence provided by negative early experiences of life and mediated by internal shame processes and external shame have direct influence, so the exposure to adverse early experiences, directly or indirectly increases the propensity for the commission and acceptance of violent behavior against future romantic partners, as well as the development of feelings of shame.

Key words: violence, relationships of children intimacy, negative early experiences, shame

## **Agradecimentos**

À Professora Doutora Luiza Nobre Lima, expresseo o meu profundo agradecimento pela orientação e atenção que dedicou à presente dissertação, e pelo sentido de responsabilidade que inculuiu em todas as fases do Projecto.

À minha família, pelo carinho, paciência e incentivo. Aos Pais e à Avó, um enorme obrigada por acreditarem sempre em mim e naquilo que faço, e sobretudo pelos exemplos de vida que sempre me inculuiram.

Aos meus Amigos, pelo contributo que disponibilizaram. Um muito obrigada por todo o carinho e amizade incondicional.

Para a Margarida.

## Índice

<b>Introdução</b> .....	<b>1</b>
<b>I – Enquadramento conceptual</b> .....	<b>2</b>
1. Relações de Intimidade e Violência na Adolescência....	2
1.1. Tipos de Violência .....	3
1.2. Género e Violência nas Relações de Intimidade Juvenil .....	4
1.3. Causas e consequências de violência nas relações de intimidade juvenil .....	5
2. Experiências Adversas Precoces .....	6
3. Vergonha .....	8
<b>II – Objetivos</b> .....	<b>11</b>
<b>III – Metodologia</b> .....	<b>12</b>
1. Amostra .....	12
2. Instrumentos .....	15
2.1. Questionário de dados sociodemográficos .....	15
2.2. Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro Adolescente (CADRI).....	15
2.3. Escala de Experiências Precoces de Vida para Adolescentes (ELES-A).....	16
2.4. Escala de Vergonha Externa (OAS) .....	17
2.5. Escala de Vergonha Interna (ISS).....	18
3. Procedimentos .....	18
3.1. Seleção e recolha da amostra .....	18
3.2. Aplicação do protocolo .....	19
3.3. Análise e tratamento dos dados .....	19
<b>IV – Resultados</b> .....	<b>20</b>
1. Análise da Violência nas Relações de Intimidade Juvenil.....	20
2. Análise dos tipos de violência nas relações de intimidade Juvenil.....	21
3. Efeito preditor das Experiências Precoces de Vida Negativas, na Vergonha Interna e Externa, e na Vitimização e Perpetração de Violências nas relações de intimidade juvenil .....	25
<b>V – Discussão</b> .....	<b>29</b>
<b>VI – Conclusões</b> .....	<b>34</b>
<b>Referências bibliográficas</b> .....	<b>35</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>42</b>

## Introdução

A violência, que não se circunscreve às relações de namoro, estando presente nestas, e em relações juvenis ocasionais, descreve um conjunto de comportamentos e/ou atitudes violentas com o intuito de controlar ou dominar outra pessoa, de forma física, sexual ou psicológica, causando algum nível de dano (Wolfe et al., 1996).

Na adolescência, em particular, esta circunstância assume-se como um elemento central na construção de relações significativas com os pares, essenciais para um bom ajustamento na idade adulta.

O recurso à violência numa relação amorosa tem sido associado a experiências de violência familiar na infância (Osofsky, 2003). Refere a literatura científica que da sucessão de experiências de violência familiar, podem resultar experiências de vergonha, emoção que se desenvolve ao nível das experiências interpessoais precoces na família, e noutros relacionamentos importantes. A vergonha, emoção transversal a todos os indivíduos, envolve uma avaliação global negativa acerca de si mesmo (Tangney & Dearing, 2002), e caracteriza-se por um sentimento doloroso que tem um impacto negativo sobre o comportamento interpessoal.

É neste contexto que surge o interesse no presente trabalho, o qual pretende averiguar em que medida a violência nas relações de intimidade juvenil, expressa por estes adolescentes, está associada à vergonha e a experiências precoces negativas.

A presente dissertação encontra-se estruturada em seis capítulos: o primeiro capítulo compreende o Enquadramento Conceptual, onde são apresentadas as principais concepções teóricas e empíricas existentes acerca da violência nas relações de intimidade juvenil, experiências adversas precoces e vergonha. No segundo capítulo apresentam-se os principais objetivos deste estudo e, no terceiro capítulo, a metodologia utilizada, nomeadamente no que concerne à amostra, aos instrumentos e aos procedimentos utilizados. Segue-se a apresentação dos resultados, no quarto capítulo, e a respetiva discussão, no quinto capítulo, de forma a compreender o seu significado e as suas implicações. Por último, no sexto capítulo é apresentada a conclusão, que considera as limitações inerentes à presente dissertação, bem como, os objetivos alcançados.

## **I – Enquadramento conceptual**

### **1. Relações de intimidade e Violência na adolescência**

Concetualizada como um momento de alterações desenvolvimentais significativas e grande instabilidade emocional (Jackson, Cram, & Seymour, 2000), e associada à imaturidade emocional, inexperiência relacional e descoberta da sexualidade (Caridade, 2008), a adolescência constitui um momento de grande vulnerabilidade para a ocorrência de violência numa relação de intimidade (Machado, 2010).

Enquanto período de desenvolvimento favorável ao estabelecimento das primeiras relações amorosas, a adolescência constitui uma fase particularmente crucial no que se refere à formação de atitudes acerca das relações amorosas e da intimidade com os parceiros, bem como para as primeiras manifestações de poder e controlo nas relações afetivas (Wekerle e Wolfe, 1999). Assim, a vulnerabilidade a que os adolescentes estão expostos, prende-se ainda, com o facto de os adolescentes não percecionarem as agressões ocorridas numa relação de intimidade, como sendo abusivas (Marcos, 2014).

Atualmente, a literatura relativa à problemática “violência no namoro” depara-se com diversas dificuldades, como são exemplo, a definição do próprio conceito, a dificuldade de acesso à população juvenil e a escassa produção académica acerca do tema (Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006).

Segundo Prata (2008), a violência pode ser definida como toda a forma de rejeição, depreciação, discriminação, desrespeito, cobrança ou punição exagerada (...) sendo que, todas estas formas de maus-tratos (...) podem causar danos no desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo.

Corroborando a definição supramencionada, Sugarman e Hotaling (1989), consideram que a violência se traduz na ameaça ou uso de força física levados a cabo com a intenção de causar dor ou ferir o outro no contexto da relação amorosa.

Na perspectiva de Wolfe et al. (1996), perspectiva endossada nesta dissertação, a violência é definida como qualquer tentativa de controlar ou dominar outra pessoa, de forma física, sexual ou psicológica, causando algum nível de dano, sendo que, a agressão como forma de violência social deve ser enquadrada numa perspectiva que considere o peso do contexto social, as condições económicas em que vivem os indivíduos e os seus valores culturais (Fischer, 1994).

David Levinsky (1995), considera a adolescência como sendo uma fase do desenvolvimento evolutivo, em que a criança gradualmente passa para a vida adulta de acordo com as condições ambientais e história pessoal, constituindo, o amor adolescente, a procura de uma definição de identidade (Erikson, 1987).

De acordo com Bertoldo e Barbará (2006), o adolescente encontra-se tipicamente numa etapa de transição para a conquista da autonomia psicológica e emocional. Nesse sentido, pode considerar-se que as

Associações entre a Violência nas Relações de Intimidade Juvenil, as Experiências Precoces Negativas e a Vergonha na Adolescência

Mafalda Gouveia (e-mail: mgouveia12@gmail.com) 2015

relações íntimas que se desenvolvem neste período - de amizade ou namoro - estabelecem um laço que pode, ou não, conferir segurança emocional neste momento de distanciamento das relações parentais.

Para Weingartner, John, Bonamigo e Goidanich (1995), nesta etapa, o adolescente procura não só uma identidade sexual, mas também uma identidade psicológica e uma posição social, sendo que, desta forma, a aquisição de uma identidade própria, seria fundamental para o estabelecimento de uma relação de intimidade com os outros.

Weingartner et al. (1995), ressaltam que tanto o namoro como as relações casuais, são formas de relacionamento afetivo que proporcionam modos de aproximação e contato íntimo entre os adolescentes. Estas últimas, são traduzidas como um comportamento exploratório que permite uma constante troca de parceiros, e a possibilidade de encontrar outras oportunidades e experiências em várias situações e com várias pessoas, sendo o namoro definido como uma fase posterior, com uma identidade definida, na qual o jovem sabe quem é e o que quer.

Segundo Matos (2004), a noção de “namoro” traduz-se numa relação entre duas pessoas que visa o conhecimento das primeiras experiências de compromisso, de intimidade física e de interação futura, através da partilha de conhecimentos e de vivências, que postula um grau de comprometimento inferior ao do casamento, visando uma relação sadia e positiva, que confira a ambos segurança emocional.

A violência, nas relações de intimidade juvenil, é particularmente relevante durante a adolescência, uma vez que os jovens se encontram num período de desenvolvimento em que se inicia o comportamento de namoro, que constitui a fundação das relações românticas adultas (Hickman, Jaycox & Aronoff, 2004) e pode estabelecer padrões de relacionamento interpessoal que persistem ao longo da vida (Straus, 2004), incluindo a violência nas relações adultas (Magdol et al., 1997).

A violência nas relações de intimidade juvenil surge, frequentemente, como preditora da violência conjugal, podendo integrar-se como fator intermediário entre a exposição à violência na família de origem e o uso subsequente na família de reprodução (Mendes, 2006).

Segundo Machado, Matos e Moreira (2003), um estudo feito em Portugal, concernente à prevalência dos valores culturais que legitimam este tipo de violência, revelou que uma percentagem significativa de jovens se guiava por uma conduta violenta na sua relação de namoro, sendo que 15,5% referiam ter sido vítimas de abuso, pelo menos uma vez no último ano, e 21,7% ter perpetrado atos violentos nos seus companheiros.

### **1.1. Tipos de Violência**

A violência nas relações de intimidade juvenil compreende múltiplas formas de violência entre os parceiros numa relação amorosa, como são a violência física, a violência psicológica/ emocional e a violência sexual.

O abuso físico compreende o uso da ameaça ou força física, ou restrição levada a cabo no sentido de causar dor ou ofensa ao outro (Sugarman e Hotaling, 1989). A violência física implica o uso exagerado de comportamentos agressivos e compreende ações como empurrar, puxar o cabelo, pontapear ou dar murros, queimar, apertar os braços, entre outras. Estes comportamentos podem ou não, deixar marcas evidentes na vítima, sendo que formas mais graves de violência podem resultar na morte da mesma (Manita et al., 2009).

A violência psicológica, ou emocional, inclui comportamentos de rejeição, depreciação, discriminação, humilhação, desrespeito, punições exageradas, isolamento, culpabilização, castigos ou ameaças de abandono (APAV, 1998), através de palavras e/ou comportamentos como a intimidação, ameaça, desvalorização, destruição e/ou retenção de objetos (Manita et al., 2009).

No que concerne à violência sexual, esta abrange toda a forma de imposição de práticas de cariz sexual contra a vontade da vítima, como a violação, podendo traduzir-se, por exemplo, em assédio, actos sexuais de relevo ou discriminação sexual recorrendo a ameaças e coação ou ao uso da força física (Manita et al., 2009).

## **1.2. Género e violência nas relações de intimidade juvenil**

As diferenças de género no contexto das relações amorosas juvenis não se evidenciam tão sólidas como sucede nas relações maritais (Machado, 2010). No entanto, o género do adolescente tem sido consistentemente referido como uma das mais importantes variáveis mediadoras entre a exposição à violência na infância e a violência nas relações amorosas (O'keefe, 1997).

No que concerne aos motivos apontados para o comportamento violento, O' Keefe (1997) constatou que havia diferenças entre os géneros: embora ambos referissem a raiva como principal motivo, as raparigas reportavam mais frequentemente a autodefesa e os rapazes, por sua vez, afirmavam usar violência para exercer controlo sobre a sua parceira.

A associação entre as atitudes e comportamentos violentos tem sido encontrada em ambos os géneros, embora de forma menos consistente no sexo feminino (O'keefe, 1997), sendo sobretudo os rapazes a manifestar uma maior concordância com as crenças que legitimam e desculpabilizam a conduta agressiva (Machado, 2010). De facto, quando se atende à violência severa, o sexo masculino é considerado o maior perpetrador deste tipo de abuso (Straus e Ramirez, 2002).

A literatura evidencia que são as mulheres as maiores vítimas de violência, em relação aos homens (Follingstad et al., 1991), sendo que as consequências dos comportamentos violentos masculinos resultam, na maioria das vezes, em sequelas mais graves que a exibida pelas mulheres (Straus e Ramirez, 2002).

### 1.3. Causas e consequências da violência nas relações de intimidade juvenil

Kaura e Allen (2004), perspetivam a violência nas relações de intimidade juvenil como um fenómeno que envolve as mesmas dinâmicas da violência marital e que partilha alguns dos seus fatores de risco, a título exemplificativo, a presença de violência na família, o isolamento social e o funcionamento familiar disfuncional.

Diversos autores identificaram ainda uma série de fatores que estão, potencialmente, relacionados com a violência nas relações de intimidade juvenil exercida ou sofrida pelos jovens. Para além dos já referidos, destacam-se ainda o consumo precoce ou abusivo de tabaco, álcool e drogas, baixa autoestima, falta de competências de comunicação interpessoal, pertença a uma comunidade com carências socioeconómicas, atividade sexual precoce das vítimas ou abuso sexual na infância (Caridade, 2008); evidenciam-se, de igual modo, a discriminação, o isolamento e a exclusão social na escola, bem como o insucesso escolar precoce (Arriaga e Oskamp, 1999; Caridade, 2008).

Outras características associadas à dinâmica relacional, designadamente as assimetrias de poder entre os parceiros íntimos, são, igualmente, reconhecidas como fortes preditores da violência nas relações de intimidade juvenil (Matos, Machado, Caridade e Silva, 2006).

Segundo Sugarman e Hotaling (1989), as principais causas de violência nas relações de intimidade juvenil, prendem-se com os traços individuais do agressor e da vítima, as dificuldades de resolução de conflitos relacionais, ciúmes e a dificuldade em controlar a raiva. Também os adolescentes com antecedentes de depressão e tendências suicidas tendem a ter uma maior probabilidade de sofrer violência nas relações de intimidade juvenil, devido à sua fragilidade emocional e psicológica (Roberts, Klein, & Fisher, 2003).

Hettrich e O'Leary (2007), referem que as principais causas das agressões das mulheres contra os seus parceiros são a raiva, a mentira do companheiro, o temperamento impulsivo, uma comunicação pobre, ou experiências de humilhação, vergonha e ciúme, sendo que no que concerne à vitimização, a investigação sugere que o sexo feminino é mais suscetível a este tipo de relacionamento, com parceiros abusivos durante períodos de perturbação emocional e isolamento social (Roberts, Klein, & Fisher, 2003). No que respeita às motivações para a agressão masculina, os ciúmes e a insegurança são apontados como as principais causas. Também o temperamento impulsivo é considerado como uma particularidade masculina para o comportamento abusivo (Caridade, 2011).

Matos e Machado (1999), referem que, no que concerne ao impacto da violência nas relações de intimidade juvenil, este processo não é linear, pelo que depende de determinados fatores que poderão agravar ou atenuar os seus efeitos, na vítima, como são exemplo, a existência de historial de vitimização anterior, a frequência, duração e

gravidade das ações violentas, os tipos de violência experimentados e a relação de proximidade entre agressor e vítima.

Matos (2002) considera que a violência nas relações íntimas pode desencadear nas vítimas múltiplos sentimentos, nomeadamente, uma autoperceção desvalorizada e um sentimento de impotência. Outras sequelas decorrentes de experiências de violência têm sido relacionadas, particularmente, com a perturbação de stress pós-traumático, baixa auto-estima, reacções psicossomáticas e o decréscimo do rendimento pessoal e profissional (Chase, Treboux & O'Leary, 2002).

De acordo com Caridade (2011), a compreensão que os jovens atribuem à violência nas relações de intimidade juvenil, surge associada à intenção do agressor, ao contexto da agressão e ao impacto causado. Observa-se ainda uma maior desculpabilização do comportamento violento quando, o mesmo, é atribuído à impulsividade e descontrolo do agressor, quando este manifesta arrependimento, quando o abuso não ocorre em público e quando daí não decorrem consequências físicas graves (Caridade, 2011).

Associadas a estas características, prevalecem também atitudes culpabilizadoras por parte da vítima, em função da sua tolerância à violência ou precipitação de comportamentos que considera inadequados, como o vestuário ou a infidelidade (Caridade, 2011). Como causas associadas à perpetração de Violência, têm sido apontados características externas - como a experiência ou exposição a circunstâncias de violência familiar, ou influência do grupo de amigos -, e características intrapessoais - como a impulsividade, falta de auto-controlo, ou consumo de substâncias.

## **2. Experiências adversas precoces**

De acordo com Paiva e Figueiredo (2003), cada indivíduo constrói “modelos internos dinâmicos”, através das experiências e dos padrões típicos de interação com as figuras significativas, no decurso da infância, uma vez que é a partir destes que o mesmo cria expectativas acerca do que pode esperar de si próprio e dos outros, em relações subseqüentes.

Tyler e Melander (2012), afirmam que os jovens que são expostos a maus tratos e negligência parental apresentam um maior risco de se envolverem numa relação violenta, isto é, as experiências familiares negativas podem estar relacionadas com comportamentos antissociais, com o uso de drogas e com a prática de comportamentos violentos.

Um estudo de Osofsky (1997), demonstrou que crianças em idade escolar que testemunharam acontecimentos violentos manifestaram, posteriormente, uma elevada frequência de problemas de externalização (agressividade e delinquência) e internalização (isolamento e ansiedade), em comparação com crianças que não testemunharam episódios de violência. Os maus-tratos na infância têm sido associados a relações instáveis enquanto adultos, a problemas com a intimidade, sexualidade, e resolução de conflitos, bem como, com a violência íntima entre parceiros

Associações entre a Violência nas Relações de Intimidade Juvenil, as Experiências Precoces Negativas e a Vergonha na Adolescência

Mafalda Gouveia (e-mail: mgouveia12@gmail.com) 2015

(Riggs et al., 2011).

A reprodução de comportamentos violentos entre casais ao longo de gerações tem sido debatida na literatura, focalizando-se nos modelos de aprendizagem social, indicando que comportamentos e condutas violentas podem estar na base da transmissão da violência intergeracional e do desenvolvimento de relacionamentos afetivo-sexuais abusivos. Sujeitos que vivem em ambiente familiar agressivo e abusivo apresentam maior probabilidade de desenvolver comportamentos violentos no futuro, ou de serem vítimas de violência nas suas relações afetivas (Minayo, Assis e Njaine, 2011).

Consequentemente, crianças que estiveram expostas a conflitos severos e violência física na família tendem a exibir níveis mais elevados de stress quando enfrentam novos conflitos, comparativamente a quem nunca experienciou esse tipo de situações, podendo tal ser particularmente difícil, caso os recursos pessoais para o confronto sejam poucos (Lagerback, 1991).

Os estudos têm demonstrado que a exposição à violência interparental é um fator de risco acrescido para o envolvimento em relacionamentos violentos no futuro (Black, Sussman e Unger, 2010), exponenciando a probabilidade de utilização do estilo conflituoso na resolução de problemas em posteriores relações amorosas (Simon e Furman, 2010). Estas crianças podem ver justificados, futuramente, os comportamentos de agressividade que adotam nas suas relações, através de uma noção apreendida de normalidade perante a agressão assistida na relação entre os progenitores (Linder e Collins, 2005).

Na perspetiva de Minayo, Assis e Njaine (2011), existe uma associação entre a pouca flexibilidade parental e a dificuldade nos relacionamentos, que resultam em sentimentos de abandono e de sofrimento ocasionados por problemas de vivência sofridos na infância. Assim, fatores como a disciplina muito rígida e severa por parte dos pais, a pertença a grupos de pares conflituosos, ou características individuais dos jovens violentos, como a agressividade, a impulsividade, e os problemas de baixa autoestima, interagem dinamicamente com o ambiente, o que resulta no desenvolvimento de comportamentos antissociais (Minayo, Assis e Njaine, 2011).

O estudo realizado por Roberts e colaboradores (2011), demonstra que a associação entre acontecimentos stressantes recentes e a perpetração de violência na intimidade é mais evidente entre indivíduos com elevados níveis de experiências adversas na infância. Os resultados deste estudo sugerem que indivíduos expostos à violência durante a infância tendem a adotar níveis superiores de violência verbal/emocional e física, bem como, comportamentos ameaçadores e de coerção sexual. Estes dados vão ao encontro dos resultados do estudo de Paradis e Boucher (2010), que referem que crianças vítimas de abuso físico e psicológico são mais propensas à vitimização, bem como, à perpetração de abuso nas relações íntimas enquanto adultos. Neste sentido, um indivíduo com estas especificidades é mais propenso à perpetração e

aceitação de comportamentos violentos contra o parceiro amoroso (Bartholomew et al., 2001).

Alguns estudos apontam que os adolescentes, maioritariamente os do sexo masculino, que testemunharam violência interpaparental, apresentam um risco superior para infligir violência no namoro (O'Keefe, 1997). Contudo, outros autores não encontram consequências negativas, tais como a perpetuação de violência em futuras relações amorosas, perante situações de violência interpaparental (Schwartz, O'Leary e Kendziora, 1997).

A relação encontrada entre a violência no namoro e a vitimização na família de origem pode ser melhor compreendida à luz da perspectiva da transmissão intergeracional da violência (Matos et al., 2009). Esta última, baseia-se nos pressupostos da teoria da aprendizagem social, que postulam que os indivíduos (vítimas ou testemunhas de comportamentos violentos na família de origem) apresentam uma elevada probabilidade de vir a desenvolver comportamentos violentos no futuro (Widom, 1989), e que o comportamento de cada indivíduo é determinado pelo ambiente em que este está inserido, sobretudo, pelos membros da sua família, através de mecanismos de observação, reforço, modelagem ou coação (Gelles, 1997).

No que respeita à perpetração de violência nas relações íntimas, devido aos níveis de ansiedade, fomentados pelo medo de abandono e rejeição, é expeável que estes indivíduos tendam a experienciar níveis elevados de afeto negativo, que compreendem a raiva, o que torna estes sujeitos prováveis abusadores (Bartholomew et al, 2001).

De acordo com a teoria da aprendizagem social, os comportamentos socialmente aprendidos em meio familiar são, por diversas vezes, reproduzidos pelos adolescentes em espaços extrafamiliares, configurando-se em atitudes de permissividade e violência ao nível das relações íntimas (Sani e Oliveira, 2009).

Desta forma, são as primeiras interações da criança com o mundo que permitem a construção e internalização de valores e regras. Quando estas competências se fundem com as emoções primárias, desenvolve-se a consciência de um *self* social, que sustenta emoções negativas e ameaçadoras baseadas na perceção que o indivíduo tem de si próprio, constituindo sentimentos de vergonha (Gilbert, 2003).

As experiências precoces de vergonha parecem afectar de forma significativa a maturação e funcionamento psicobiológico, sendo frequentemente relacionadas com a propensão para a vergonha atual e, por sua vez, com a vulnerabilidade para a psicopatologia (Gilbert, 1998).

### **3. Vergonha**

A vergonha, descrita por Tangney e Dearing (2002), como uma experiência intensa duradoura que guia o comportamento humano e com um papel regulador nas relações interpessoais e intrapessoais, está relacionada com uma disposição para certos tipos de emoções,

Associações entre a Violência nas Relações de Intimidade Juvenil, as Experiências Precoces Negativas e a Vergonha na Adolescência

Mafalda Gouveia (e-mail: mgouveia12@gmail.com) 2015

nomeadamente a raiva, a ansiedade e/ou o desgosto, estando também associada com a percepção de se ser desvalorizado e desprezado pelos outros (Gilbert, 1998).

A vergonha, emoção fundamental, guia o comportamento humano, influencia a sua autopercepção, e está intrinsecamente ligada à relação do eu com os outros (Gilbert, 2003; Tangney e Dearing, 2002), sendo essencialmente uma experiência do eu relacionada com a forma como se pensa existir na mente dos outros (Gilbert e McGuire, 1998).

No que diz respeito às suas origens, a vergonha pode resultar de experiências de cariz traumático ou experiências desenvolvimentais adversas (negligência emocional, controlo afetivo, abandono, rejeição, criticismo parental, abuso físico e sexual) (Tangney e Dearing, 2002).

Gilbert (2000) propõe que a vergonha está relacionada com estratégias de submissão, na medida em que o indivíduo quando se sente ameaçado tenta escapar da situação ou evita-a. Desta forma, a vergonha não está apenas relacionada com auto-avaliações negativas. Ao abordar o conceito de vergonha, Gilbert (2000) distingue vergonha interna e vergonha externa. A vergonha interna conduz o indivíduo a adotar esquemas de subordinação ou submissão, que estão associados à autodesvalorização, a atribuições internas negativas, à auto-monitorização e à autoculpabilização. Por sua vez, a resposta de humilhação será uma resposta externalizante, em que o indivíduo adota um comportamento dominante agressivo e de ataque, através do qual tenta criar um sentido de segurança pessoal por desvalorização dos outros, ou de ataque de indivíduos que possam constituir uma ameaça (Gilbert, 2010).

A componente chave do modelo relaciona-se com esta percepção de uma visão negativa do outro em relação ao *self*, a qual é percebida como uma experiência de ameaça. Esta ameaça pode activar diferentes tipos de defesas. Uma possível resposta relaciona-se com a atribuição interna da experiência. O sujeito identifica-se com a avaliação negativa, autocritica-se e adopta um comportamento submisso. Por outro lado, pode ser activada uma outra defesa, relacionada com estratégias externalizantes, constituindo a humilhação, a natureza da experiência pelo qual, o sujeito atribui intenções malévolas ao outro o que implica sentimentos de raiva e desejo de retaliação (Gilbert, 1998).

Gilbert (1993) defende que existem sistemas reguladores da emoção como são, o sistema de ameaça-defesa e o sistema de afiliação e segurança. O primeiro, é responsável pela identificação de perigos e respetivas emoções, como são a ansiedade, raiva, medo ou nojo, que procuram uma resposta rápida e adequada, através de estratégias de luta, fuga, congelamento ou submissão, de forma a assegurar protecção e sobrevivência. O segundo sistema, quando ativado e mantido, na presença dos recursos e protecção necessários, é caracterizado por sentimentos de paz e contentamento.

Os indivíduos autocríticos e com elevada vergonha apresentam uma elevada sensibilidade e sobreatividade do sistema de ameaça-defesa

e uma subatividade do sistema de afiliação e segurança, com dificuldades em sentirem-se seguros consigo próprios e nas relações interpessoais (Castilho, 2011).

Os resultados obtidos por Castilho (2011), sugerem que os indivíduos com experiências de vergonha e que apresentam um autocrítico centrado em sentimentos de inadequação e inferioridade pelo eu, manifestam mais comportamentos de submissão defensivos, sendo possível identificar um efeito direto significativo entre a centralidade de uma experiência de vergonha e os comportamentos de submissão.

Claesson e Sohlberg (2002), comprovaram que indivíduos com elevados níveis de vergonha apresentavam uma maior probabilidade de virem a ser rejeitados ou abandonados em relações íntimas. Por seu turno, Gross e Hansen (2000), descreveram uma associação entre a vergonha e o investimento nas relações amorosas, tendo sugerido que as pessoas que duvidam do seu valor próprio apresentam uma maior dificuldade ao nível das relações interpessoais, traduzida numa sobrevalorização da importância das mesmas.

Quando os pais, ou outros significativos, são incapazes de gerar segurança, de transmitir confiança e são ameaçadores, há uma subestimulação do sistema de procura e uma ativação do sistema de ameaça-defesa, produzindo comportamentos e emoções de defesa, tais como a raiva/luta, a ansiedade/fuga, a submissão/apaziguamento e outros (Gilbert e Perris, 2000). Estas crianças que são reiteradamente criticadas, envergonhadas ou rejeitadas pelas figuras de vinculação, desenvolvem uma construção dos outros como hostis e dominantes, sentindo-se vulneráveis aos ataques e rejeições dos outros (Gilbert, 2000).

Estas experiências precoces negativas contribuem para o desenvolvimento de sentimentos de vergonha, que estão diretamente relacionados com a perceção negativa que o indivíduo pensa que os outros têm de si, enquanto objeto social indesejado, defeituoso, inadequado e inferior (Allan, Gilbert e Goss, 1994; Matos e Pinto-Gouveia, 2009).

## II - Objectivos

A revisão da literatura realizada na primeira parte da presente dissertação situou os temas abordados na adolescência, altura em que se estabelecem as primeiras relações significativas com os pares nomeadamente, as primeiras relações amorosas.

Foi referido que as experiências precoces negativas, como são as experiências de violência familiar na infância, têm sido associadas com a perpetração do abuso físico e psicológico e a vitimização nas relações de namoro entre jovens. Estas experiências de vida adversas parecem também resultar num desenvolvimento acentuado da vergonha, emoção que se desenvolve ao nível das experiências interpessoais precoces na família, e noutros relacionamentos importantes.

Ainda assim, atualmente, a literatura relativa a esta problemática social, depara-se com diversas dificuldades motivadas pelo próprio conceito, dada a dificuldade de acesso à população juvenil e à escassa produção académica acerca do tema.

A presente dissertação, intenta explorar a manifestação de violência não apenas nas relações de namoro, como nas relações de envolvimento sem compromisso de namoro, dado que este fenómeno surge cada vez mais precocemente e com mais frequência, em ambas as realidades. Neste sentido, e visto que grande parte da investigação acerca da Violência nas Relações de Intimidade Juvenil é, sobretudo, realizada com jovens de faixas etárias mais elevadas, o presente estudo objetiva contribuir para a compreensão deste fenómeno em idades mais precoces da adolescência, entre os catorze e os dezoito anos, altura em que, geralmente, surgem as primeiras relações amorosas.

Desta forma, pretende-se observar a prevalência e as atitudes dos jovens face a esta problemática da Violência nas Relações de Intimidade Juvenil, prevendo a sua compreensão, na associação deste fenómeno, com as experiências precoces negativas e a vergonha, na adolescência. Deste modo, foram definidos os seguintes objetivos para o presente estudo:

- 1) Analisar a ocorrência e as manifestações de violência nas relações de intimidade de adolescentes com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos de idade;
- 2) Perceber se as manifestações de violência nas relações de intimidade destes adolescentes variam em função do Sexo, Idade, Nível Socioeconómico, e Residência;
- 3) Analisar a relação entre a violência nas relações de intimidade destes mesmos adolescentes e as suas memórias acerca de experiências precoces negativas;
- 4) Analisar o e papel mediador da vergonha interna e externa na relação entre as experiências precoces negativas e a violência nas relações de intimidade juvenil.

### III - Metodologia

#### 1. Amostra

A amostra deste estudo é composta por 339 adolescentes, com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos de idade ( $M=16.60$ ;  $DP=1.291$ ). Na tabela que a seguir se apresenta podem ser lidas as características gerais da amostra.

**Tabela 1a. Características gerais da amostra**

<b>N=339</b>		
	n	%
<b>Sexo</b>		
Masculino	138	40.7
Feminino	201	59.3
<b>Idade</b>		
14-16	126	37.2
17	117	34.5
18	96	28.3
<b>Nacionalidade</b>		
Portuguesa	329	97.1
Alemã	1	0.03
Guineense	2	0.06
Brasileira	3	0.09
Venezuelana	2	0.06
Espanhola	1	0.03
Angolana	1	0.03
<b>Escolaridade</b>		
9º Ano	105	31.0
10º Ano	44	13.0
11º Ano	75	22.1
12º Ano	112	33.0
<b>Nível Socioeconómico</b>		
Baixo	98	28.9
Médio	138	40.7
Elevado	101	29.8
<b>Residência</b>		
Predominantemente Urbana	100	29.5
Moderadamente Urbana	132	38.9
Predominantemente Rural	107	31.6

Através da análise da tabela 1a constata-se que há um maior número de adolescentes do sexo feminino (59,3%). Relativamente à idade, foram criados 3 grupos etários: o grupo 1 com os adolescentes entre os 14 e os 16 anos de idade (37.2%); o grupo 2 com adolescentes com 17 anos (34.5%); e o grupo 3 com adolescentes com 18 anos (28.3%).

No que concerne à nacionalidade da amostra estudada, esta integra na sua maioria, adolescentes de nacionalidade portuguesa (97.1 %), e que se encontram a frequentar o 12º Ano (33%).

Relativamente ao nível socioeconómico, a maioria da amostra estudada possui um nível socioeconómico médio (40.7%), sucedendo o nível socioeconómico elevado (29.8%) e o nível socioeconómico baixo (28.9%). A área de residência distribui-se pela área predominantemente urbana (29.5%), moderadamente urbana (38.9%) e predominantemente rural (31.6%).

Dado que a presente dissertação objetiva o estudo da Violência nas Relações de Intimidade Juvenil e não apenas a violência em contexto de namoro, fizeram também parte do Questionário Sociodemográfico algumas questões que conhecer melhor as relações amorosas entre os adolescentes, com e sem compromisso

Na tabela que a seguir se apresenta, a Tabela 1b., são apresentadas algumas características destas relações

Tabela 1b. Frequências absolutas e relativas de várias características

N= 339		
	n	%
<b>Namoro ou já Namorei</b>	260	76.7
<b>Envolvimento sem compromisso</b>	79	23.3
<b>Idade de Início de Namoro</b>		
8-13	112	43.2
14-18	145	56.8
<b>Número de parceiros Namoro</b>		
1-10	251	98.8
11-20	2	0.08
21-30	1	0.04
<b>Relações Sexuais Namoro</b>		
Sim	121	46.5
Não	139	53.5
<b>Duração Namoro</b>		
1-12 Meses	181	71.8
13-24 Meses	45	17.9
25-36 Meses	17	06.8
37-48 Meses	9	03.6
<b>Envolvimento sem compromisso</b>		
1-5 parceiros	67	85.9
6-10 parceiros	9	11.5
11-15 parceiros	1	01.3
16-20 parceiros	1	01.3
<b>Relações Sexuais</b>		
Sim	25	33.3
Não	52	66.7

Através da observação da Tabela 1b. pode verificar-se que as relações de namoro (76.7 %) aparecem em maior frequência nesta amostra, do que as relações de envolvimento sem compromisso (23.3 %).

Pode ainda observar-se que, no que respeita à frequência de namorados em relações de namoro, varia entre 1 parceiro e 30 parceiros, com especial incidência de relações de 1 a 10 parceiros, sendo que a maioria da amostra deste estudo aponta dois namorados (M=2.80; DP=2.63).

A duração dos namoros experienciados pelos estudantes desta

amostra, varia entre 1 mês e 48 meses, com maior incidência de relações de um ano ( $M=12.3$ ;  $DP=10.8$ ).

No que diz respeito às relações de envolvimento sem namoro, verifica-se que a frequência do envolvimento em relações ocasionais sem namoro, varia entre 1 parceiro e 20 parceiros ( $M=3.00$ ;  $DP=3.03$ ), com especial incidência de relações de 1 a 5 parceiros (85.9%). Os inquiridos que manifestaram relações de envolvimento sem namoro, referem que maioritariamente não mantiveram relações sexuais (66.7%), revelando uma alta discrepância para com as respostas positivas (33.3%).

## 2. Instrumentos

Tendo em conta os objetivos definidos para o presente estudo, o protocolo de investigação é composto por um breve questionário sociodemográfico e quatro escalas de autorresposta.

### 2.1. Questionário de dados sociodemográficos

De forma a recolher dados sobre a amostra, foi elaborado um breve questionário de dados sociodemográficos, contendo os seguintes aspetos: idade, sexo, nacionalidade, nível de escolaridade, profissões do pai e mãe, habilitações literárias dos pais, residência e contexto de relações amorosas (cf. anexo).

### 2.2. Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro Adolescentes (CADRI)

O Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (Saavedra, C., Machado, C., & Vieira, D., 2011) é uma adaptação do *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory* (CADRI), desenvolvido e validado por uma equipa de investigadores, coordenada por David Wolfe. Este questionário de autorresposta é constituído por 35 itens, avaliados numa escala de 1 a 4, sendo que a 1 corresponde “Nunca”, ao 2 corresponde “Raramente”, ao 3 corresponde “Às Vezes”, e a 4 corresponde “Frequentemente”. Os itens referidos permitem aferir a utilização de estratégias não abusivas, de resolução de conflitos positivas, e abusivas, nos relacionamentos de namoro entre adolescentes, estabelecendo a distinção entre o comportamento do próprio e o comportamento do(a) parceiro(a).

O questionário é preenchido considerando os próprios comportamentos do adolescente, e aqueles de que é alvo por parte do outro elemento da díade. O CADRI compreende oito subescalas: violência física, violência sexual, violência verbal, comportamentos agressivos, abuso relacional, estratégias de resolução de conflitos abusivas, estratégias de resolução de conflitos positivas e comportamentos violentos.

A versão original e a versão adaptada desta escala foram

Associações entre a Violência nas Relações de Intimidade Juvenil, as  
Experiências Precoces Negativas e a Vergonha na Adolescência

Mafalda Gouveia (e-mail: mgouveia12@gmail.com) 2015

elaboradas para a aplicação junto da população adolescente e testadas em contexto escolar, sendo dirigidas a alunos do ensino secundário, ou com idade igual ou superior a 14 anos de idade. Dirigem-se a jovens com experiência atual ou passada de envolvimento em relações amorosas.

No que concerne às características psicométricas do instrumento da versão portuguesa, e relativamente à precisão, os coeficientes obtidos para a consistência interna, calculados através do *alpha* de Cronbach, quer para o instrumento (0.90) quer para as duas dimensões do instrumento - comportamento do próprio (0.82) e comportamento do outro (0.81), revelam indícios de uma boa consistência interna (Saavedra, 2010). Relativamente à validade, na “Escala de comportamentos do próprio”, os dois factores (estratégias abusivas e positivas) que a compõem explicam 27.5% da variância dos resultados e na “Escala de comportamentos do outro”, os dois factores explicam 29.4% da variância dos resultados (Saavedra, 2010).

No que concerne às características psicométricas do instrumento no presente estudo, e relativamente à precisão, os coeficientes obtidos para a consistência interna, calculados através do *alpha* de Cronbach, quer para o instrumento (0.94) quer para as duas dimensões do instrumento - comportamento do próprio (0.89) e comportamento do outro (0.88), revelam indícios de uma boa consistência interna.

No que diz respeito aos coeficientes obtidos na versão portuguesa, para a consistência interna - calculados através do *alpha* de Cronbach -, as Estratégias de Resolução de Conflitos Positivas apresentam um coeficiente de 0.76; e as Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas apresentam um coeficiente de 0.81.

No que diz respeito aos coeficientes obtidos no presente estudo, para a consistência interna - calculados através do *alpha* de Cronbach -, as Estratégias de Resolução de Conflitos Positivas apresentam um coeficiente de 0.90; e as Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas apresentam, igualmente, um coeficiente de 0.90.

### **2.3. Escala de Experiências Precoces de Vida para Adolescentes (ELES-A)**

A Escala de Experiências Precoces de Vida para Adolescentes (Pinto-Gouveia, J., Xavier, A., & Cunha, M., 2012), tem como objetivo explorar as memórias de infância dos jovens. É constituída por 15 itens que avaliam a evocação de experiências de ameaça, de subordinação e de desvalorização. Para responder a cada um dos itens é utilizada uma escala de resposta tipo *Likert* de 5 pontos, sendo que a 1 corresponde a frase “Completamente falso” e a 5 corresponde a expressão “Muito Verdadeiro”. Este instrumento tem apresentado boas qualidades psicométricas, quer na versão original - *alpha* de Cronbach entre 0.71 e 0.92 - para as 3 subescalas e total da escala; quer na versão portuguesa, com o *alpha* de Cronbach entre 0.68 e 0.86.

No presente estudo, o *alpha* de Cronbach tem um valor de 0.87, o

Associações entre a Violência nas Relações de Intimidade Juvenil, as Experiências Precoces Negativas e a Vergonha na Adolescência

Mafalda Gouveia (e-mail: mgouveia12@gmail.com) 2015

que revela boas qualidades psicométricas.

Na versão original da escala, o *alpha* de Cronbach obtido para a subescala “Ameaça” foi de 0.89, para a subescala “Subordinação” o *alpha* de Cronbach obtido foi de 0.85 e 0.71 na subescala “Desvalorização”.

No presente estudo o *alpha* de Cronbach obtido para a subescala “Ameaça” foi de 0.81, para a subescala “Subordinação” o *alpha* de Cronbach obtido foi de 0.80 e 0.79 na subescala “Desvalorização”.

Adotando a cotação original, este instrumento assume três subescalas: Ameaça, Subordinação e Desvalorização. Pode ser formulada uma pontuação total, cujos resultados elevados indicam níveis mais elevados de experiências precoces de ameaça, subordinação e desvalorização face ao contexto familiar.

#### 2.4. Escala de Vergonha Externa (OAS)

A Escala de Vergonha Externa (Barreto, C., & Pereira, V., 2012) é um instrumento de autorresposta, que avalia a percepção que cada indivíduo tem acerca do modo como os outros o veem. Esta percepção assenta numa visão de inferioridade, defeito e pouca atratividade. A escala é constituída por 18 itens, distribuídos por três subescalas - inferioridade, reação dos outros aos erros e vazio - relativamente aos quais se solicita ao sujeito que refira a frequência com que sente ou experiencia o que é afirmado em cada item, através de uma escala tipo *Likert* de 5 pontos que varia entre 0 (Nunca) e 4 (Sempre). A pontuação total na escala varia entre 0 e 72, sendo que, a valores mais elevados no total da escala, corresponderão níveis mais elevados de vergonha externa.

A Escala de Vergonha Externa compreende três fatores: o primeiro fator, denominado de “inferioridade”, avalia a percepção do indivíduo como sendo inferior aos outros; o segundo fator, denominado de “vazio”, mede a percepção de que os outros nos vêm como sendo incompletos, vazios e insatisfeitos; o terceiro fator, denominado de “reação dos outros aos erros”, avalia a percepção que o indivíduo tem da forma como os outros reagem quando este comete um erro.

Relativamente à consistência interna, a versão portuguesa da escala apresenta uma elevada consistência interna, com um *alpha* de Cronbach de 0.92. No presente estudo, o cálculo do *alpha* de Cronbach resultou igualmente numa elevada consistência interna, com um valor de 0.93.

No que concerne às subescalas da Escala de Vergonha Externa, da versão portuguesa, a subescala de “Inferioridade” apresentou um *alpha* de Cronbach de 0.81, a subescala “Reação dos outros aos erros” apresentou um *alpha* de Cronbach de 0.76 e a subescala “Vazio” apresentou um *alpha* de Cronbach de 0.77.

No que concerne às subescalas da Escala de Vergonha Externa, da presente dissertação, a subescala de “Inferioridade” apresentou um *alpha* de Cronbach de 0.88, a subescala “Reação dos outros aos erros”

apresentou um *alpha* de Cronbach de 0.82 e a subescala “Vazio” apresentou um *alpha* de Cronbach de 0.82.

## 2.5. Escala de Vergonha Interna (ISS)

A Escala de Vergonha Interna (Matos & Pinto-Gouveia, 2006) é um instrumento que procura avaliar sentimentos de autodesvalorização nos indivíduos, construída com o objetivo geral de avaliar a emoção de vergonha enquanto traço, isto é, como característica estável da personalidade em adolescentes e adultos.

A versão portuguesa desta escala baseia-se na escala original de Cook e é constituída por 30 itens, com duas subescalas - vergonha interna e autoestima - que descrevem sentimentos e experiências geralmente penosas ou negativas. A vergonha internalizada é avaliada somente pela subescala de vergonha interna - constituída por 24 itens na versão original -, e assenta em descrições fenomenológicas de experiência de vergonha formuladas numa linguagem intensamente negativa. Cada item é cotado numa escala tipo *Likert* de 5 pontos em que 0 corresponde a “Nunca” e 4, a “Quase sempre”. Pontuações elevadas na escala correspondem a maiores níveis de vergonha interna.

A versão original apresentou um valor de *alpha* de Cronbach de 0.88 para a subescala “Vergonha Interna” e de 0.96 para a subescala “Autoestima”. O estudo das características psicométricas da versão portuguesa apresenta uma solução unifatorial e boas qualidades psicométricas, tendo sido encontrado um valor elevado - 0.95 - de consistência interna.

As características psicométricas do presente estudo apresentam uma solução unifatorial e boas qualidades psicométricas, tendo sido encontrado um valor elevado - 0.92 - de consistência interna. A versão do presente estudo apresentou um valor de *alpha* de Cronbach de 0.95 e de 0.85 para as subescalas de “Vergonha Interna” e de “Autoestima”, respetivamente.

## 3. Procedimentos

### 3.1. Seleção e recolha da amostra

A seleção da amostra foi realizada junto de instituições desportivas e de algumas escolas que se mostraram disponíveis para colaborar com a investigação.

No total, foram contempladas cerca de cinco instituições, sendo que na grande maioria dos casos a aplicação foi feita por treinadores e professores. Nalgumas situações foram feitos contactos informais com adolescentes conhecidos.

### 3.2. Aplicação do protocolo

O protocolo foi aplicado aos jovens, de forma individual ou em grupo, consoante a disponibilidade e dinâmica das respetivas instituições. Na maioria dos casos, a aplicação do protocolo realizou-se nas turmas lecionadas pelos docentes selecionados para o efeito, tendo sido garantido o anonimato e a confidencialidade das respostas facultadas por cada adolescente.

### 3.3. Análise e tratamento dos dados

Recolhida a amostra, cada protocolo foi numerado de forma aleatória, atribuindo-lhes um número de identificação. Posteriormente, os dados foram inseridos no programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 23.0, procedendo à análise dos mesmos, através de diversos procedimentos estatísticos:

- 1) Estatísticas descritivas de tendência central e dispersão;
- 2) Teste *t* para amostras independentes ou teste não-paramétrico de *Mann-Whitney*, para estabelecer comparações entre as médias de cada dimensão da expressão total da violência, na amostra geral;
- 3) Análise de variância unidirecional, com a variância de Scheffe, para determinar as diferenças entre os níveis das variáveis demográficas, nas experiências gerais de vitimização e perpetração de Violência nas Relações de Intimidade Juvenil;
- 4) Análise de Regressão Linear Múltipla para o estudo de predição.

## IV - Resultados

### 1. Análise da Violência nas Relações de namoro e nas relações que implicaram envolvimento sem compromisso

Na presente dissertação procurou-se analisar a Violência nas Relações de Intimidade Juvenil, em contexto de relações de namoro ou em relações de envolvimento sem compromisso de namoro, de forma a contribuir para a compreensão deste fenómeno em idades mais precoces da adolescência, altura em que, geralmente, surgem as primeiras relações amorosas.

Considerando estes dois tipos de relação, são apresentados nas tabelas 2 e 3 dados referentes, respetivamente, à experiência de vitimização e perpetração de violência nas relações amorosas entre adolescentes, tendo em conta os diferentes fatores do CADRI.

**Tabela 2. Médias e Desvios-Padrão dos Tipos de Violência na Vitimização**

	Namoro (n=260)	Envolvimento sem Compromisso (n=79)	Teste t	
	M (DP)	M (DP)	t	p
<b>Violência Física</b>	1.18 (.398)	1.22 (.465)	-0.783	.434
<b>Violência Verbal</b>	1.23 (.413)	1.31 (.572)	-1.39	.165
<b>Violência Sexual</b>	1.65 (.600)	1.57 (.599)	1.09	.274
<b>Comportamentos agressivos</b>	1.33 (.436)	1.32 (.571)	.068	.945
<b>Abuso relacional</b>	1.23 (.432)	1.25 (.563)	-0.402	.688
<b>Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas</b>	1.58 (.490)	1.53 (.516)	.669	.504
<b>Estratégias de Resolução de Conflitos Positivas</b>	2.47 (.536)	2.29 (.600)	.259	.010
<b>Comportamentos Violentos</b>	1.21 (.359)	1.26 (.501)	-0.101	.313

A análise da tabela 2 mostra que os índices de violência (nas suas diversas formas) sentida pelos adolescentes, são tendencialmente baixos, uma vez que as médias se situam entre o 1 (nunca) e 2 (raramente). Da comparação entre adolescentes que têm relações de namoro com os que apenas se envolveram sem compromisso, verifica-se que apenas existem diferenças ao nível da utilização de estratégias de resolução de conflitos positivas, sendo que são os que vivem relações de namoro que mais tendem a utilizar este tipo de estratégias. Relativamente às outras formas de violência estes dois grupos de adolescentes não se distinguem relativamente à sua percepção de serem vitimizados nas suas relações.

Tabela 3. Médias e Desvios-Padrão dos Tipos de Violência na Perpetração

	Namoro (n=260)	Envolvimento sem Compromisso (n=79)	Teste t	
	M (DP)	M (DP)	t	p
<b>Violência Física</b>	1.16 (.432)	1.28 (.612)	-1.93	.055
<b>Violência Verbal</b>	1.20 (.392)	1.30 (.597)	-1.84	.067
<b>Violência Sexual</b>	1.64 (.577)	1.65 (.635)	-.132	.895
<b>Comportamentos agressivos</b>	1.30 (.437)	1.34 (.580)	-.666	.506
<b>Abuso relacional</b>	1.15 (.367)	1.21 (.567)	-.938	.349
<b>Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas</b>	1.54 (.451)	1.54 (.552)	-.032	.975
<b>Estratégias de Resolução de Conflitos Positivas</b>	2.62 (.545)	2.32 (.666)	3.96	.000
<b>Comportamentos Violentos</b>	1.18 (.361)	1.28 (.553)	-1.97	.049

Através da observação da tabela 3 pode concluir-se que os índices de violência (nas suas diversas formas) sentida pelos adolescentes são tendencialmente baixos, uma vez que as médias se situam entre o 1 (nunca) e 2 (raramente) e que, apenas as estratégias de resolução de conflitos positivas apresentam significância estatística ( $p < .05$ ). Da comparação entre adolescentes que têm relações de namoro com os que apenas se envolveram sem compromisso, verifica-se que apenas existem diferenças ao nível da utilização de estratégias de resolução de conflitos positivas, sendo que são os que vivem apenas relações de namoro que mais utilizam este tipo de estratégias. Relativamente às outras formas de violência, estes dois grupos de adolescentes não se distinguem relativamente à sua percepção de serem agressivos nas suas relações.

Uma vez que os resultados encontrados a partir da comparação entre os dois tipos de relacionamento revelam uma grande similitude relativamente à experiência de violência nas relações amorosas, os próximos estudos irão debruçar-se sobre a violência nas relações de intimidade juvenil, agregando os dois tipos de relação anteriormente exploradas. Trabalhar-se-á, portanto, com a totalidade da amostra.

## 2. Análise dos Tipos de Violência nas Relações de Intimidade Juvenil

A utilização do CADRI permitiu obter valores relativos ao níveis de vitimização e perpetração de violência numa relação de intimidade juvenil, consoante as seguintes dimensões: violência física, violência sexual, violência verbal, violência relacional, comportamentos de ameaça, estratégias de resolução de conflitos positivas, estratégias de resolução de conflitos negativas e comportamentos violentos.

No que concerne às respostas positivas de utilização de comportamentos de vitimização ou agressão, respetivamente as respostas 2 (“Raramente”), 3 (“Às Vezes”) e 4 (“Frequentemente”), foram agrupadas, correspondendo à resposta “Sim” tal como se apresenta na tabela que se segue (Tabela 5). No que diz respeito às respostas negativas de utilização de comportamentos violentos numa relação de namoro, que correspondem à resposta 1 (“Nunca”) do questionário, estas são representadas por “Não.

Na Tabela 4 encontram-se discriminados os resultados, em, percentagem, dos tipos de violência mais comumente utilizados pelos adolescentes, tanto em situação de vitimização como de perpetração.

**Tabela 4. Frequências relativas dos tipos de Violência na intimidade juvenil (n=339)**

	Vitimização		Perpetração	
	Sim	Não	Sim	Não
Violência Física	15.3%	84.7%	12.7%	87.3%
Violência Sexual	23.6%	76.4%	22.7%	77.3%
Violência Verbal	55.2%	44.8%	57.8%	42.2%
Violência Relacional	22.7%	77.3%	14.5%	85.5%
Comportamentos de ameaça	33.0%	67.0%	30.4%	69.6%
ERC Positivas	92.3%	07.7%	93.5%	06.5%
ERC Abusivas	46.6%	53.4%	43.4%	56.6%
Comportamentos Violentos	12.7%	87.3%	10.0%	90.0%

ERC=Estratégias de resolução de conflitos

Através da observação da Tabela 4, e relativamente às percentagens apresentadas, pode verificar-se que o tipo de violência mais comumente reportada pelos adolescentes na vitimização, é a Violência Verbal. Quanto aos tipos de violência menos reportados enquanto vítimas, encontram-se os comportamentos violentos e a violência física.

Quanto ao tipo de violência mais exercida na Perpetração, pode constatar-se que a violência verbal é a que apresenta valores mais elevados. Enquanto perpetração de agressividade, os tipos de violência menos reportados são os comportamentos violentos e a violência física.

As estratégias de resolução de conflitos positivas, são amplamente utilizadas pelos adolescentes tanto nas situações de vitimização como nas de perpetração (frequências do “sim” superiores a 90%). No que diz respeito às estratégias de resolução de conflitos abusivas, tanto nas situações de vitimização como nas de perpetração, verifica-se que há recurso a este tipo de estratégias por parte de quase metade dos adolescentes.

Pretende-se, de seguida, perceber em que medida um conjunto de variáveis sociodemográficas, nomeadamente o Sexo, a Idade, o Nível Socioeconómico e a Área de Residência, influenciam as experiências de

violência nas relações de intimidade juvenil. Para o efeito procurou-se calcular um valor global de violência, tanto para a situação de vitimização como para a situação de perpetração. Este valor global resultou do somatório das seguintes dimensões do CADRI: Violência Física, Violência Verbal, Violência Sexual, Comportamentos Agressivos, Abuso Relacional, Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas e Comportamentos Violentos.

A Tabela 5 compreende os resultados médios e os desvios-padrão obtidos, pela amostra total, para a experiência geral de vitimização e perpetração de violência expressa através de um valor global em função das variáveis sexo, grupo etário, nível socioeconómico e área de residência.

**Tabela 5. Médias e desvios-padrão das Experiências gerais de Vitimização e Perpetração na intimidade juvenil em função do Sexo, Grupo Etário, Nível Socioeconómico e Residência**

	Vitimização M (DP)	Perpetração M (DP)
<b>Sexo</b>		
Masculino	5,59(1,94)	5,67(1,96)
Feminino	5,10(1,33)	5,08(1,41)
<b>Grupo Etário</b>		
14-16 Anos	5,11 (1,48)	5,10 (1,62)
17 Anos	5,43 (1,83)	5,34 (1,81)
18 Anos	5,39 (1,50)	5,22(1,53)
<b>Nível Socioeconómico</b>		
Nível socioeconómico baixo	5,01 (1,13)	4,99 (1,33)
Nível socioeconómico médio	5,43 (1,72)	5,35 (1,77)
Nível socioeconómico elevado	5,40 (1,85)	5,27 (1,80)
<b>Residência</b>		
Predominantemente Urbana	5,62 (1,97)	5,48 (2,08)
Moderadamente urbana	5,29 (1,54)	5,30 (1,72)
Predominantemente Rural	5,01 (1,26)	4,87 (0,96)

A análise da tabela 5 revela que os índices de vitimização sentida pelos adolescentes do sexo masculino são mais elevados em comparação com o sexo feminino, sendo que o mesmo acontece nas experiências de perpetração. As diferenças existentes apresentam significado estatístico apenas em relação à vitimização ( $t(337)=2,725$ ,  $p=.007$ ). Tal significa que os rapazes consideram ser mais vítimas de violência nas suas relações de intimidade juvenil do que as raparigas. Quanto ao nível de perpetração não foram identificadas diferenças estatisticamente significativas ( $t(337)=2,002$ ,  $p=.05$ ). A variação nas experiências de vitimização e perpetração de comportamentos violentos, em função da idade dos adolescentes, pode ser observada também na Tabela 5. Da comparação estatística foi possível verificar que não existem diferenças ao nível da

vitimização ( $F(2, 336)=1.445, p=.237$ ) nem ao nível da perpetração ( $F(2, 336)=1.445, p=.237$ ) quando se tem em conta os diferentes grupos etários. Deste modo, é possível concluir que a vitimização e perpetração, estão presentes, de igual modo, nas idades compreendidas nesta amostra.

Quanto aos dados obtidos relativamente ao nível socioeconómico, também não foram encontradas diferenças com significado estatístico tanto para a vitimização ( $F(2, 334)=2.211, p=.111$ ) como para a perpetração ( $F(2, 334)=1.357, p=.259$ ).

Quando se considera a Área de Residência verifica-se, que existem diferenças com significado estatístico tanto ao nível da vitimização ( $F(2, 336)=3,716, p=.025$ ) como da perpetração ( $F(2, 336)=3,848, p=0.22$ ). O teste *post-hoc* de *Scheffé* revelou que os adolescentes que vivem em zonas predominantemente urbanas consideram ser mais vitimizados mas também mais perpetradores de violência nas relações de intimidade juvenil do que os adolescentes que vivem em zonas predominantemente rurais.

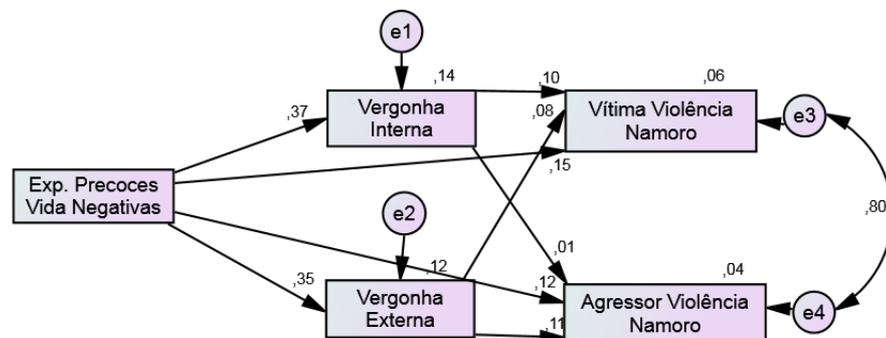
### 3. Efeito preditor das Experiências Precoces de Vida Negativas, na Vergonha Interna e Externa, e na Vitimização e Perpetração de Violência nas Relações de Intimidade Juvenil

No Quadro 1 são indicados os coeficientes de regressão não estandardizados, os erros padrão, os rácios-críticos, os coeficientes de regressão estandardizados e a significância dos processos de vitimização e agressão no namoro previstos pelas experiências precoces de vida negativas mediados pelos processos de vergonha interna e vergonha externa:

**Quadro 1 - Coeficientes de regressão não estandardizados (b), erros-padrão (EPE), rácios-críticos (RC), coeficientes de regressão estandardizados ( $\beta$ ) e significância (Sig.) da Violência no Namoro**

		b	EPE	RC	$\beta$	Sig
Experiências Precoces de vida Negativas	→ Vergonha Interna	.430	.058	7.393	.373	.000
Experiências Precoces de vida Negativas	→ Vergonha Externa	.347	.051	6.801	.347	.000
Vergonha Interna	→ Agressor Violência Namoro	.028	.115	.244	.014	.807
Vergonha Externa	→ Agressor Violência Namoro	.253	.131	1.930	.110	.054
Vergonha Interna	→ Vítima Violência Namoro	.199	.110	1.813	.103	.070
Vergonha Externa	→ Vítima Violência Namoro	.176	.125	1.404	.079	.160
Experiências Precoces de Vida Negativas	→ Agressor Violência Namoro	.267	.140	1.906	.116	.057
Experiências Precoces de vida Negativas	→ Vítima Violência Namoro	.345	.134	2.576	.155	.010

O modelo da regressão linear múltipla multivariada dos processos de vitimização e agressão na violência no namoro previstos pelas experiências precoces de vida negativas e mediados pelos processos de vergonha interna e vergonha externa, está representado na Figura 1:



**Figura 1 – Modelo de regressão linear múltipla multivariada dos processos de vitimização e agressão na violência no namoro, previstos pelas experiências precoces de vida negativas e mediados pelos processos de vergonha interna e vergonha externa.**

Verificamos que o modelo ajustado explica 6% e 4% da variabilidade dos processos de vitimização na violência no intimidade juvenil e agressão na violência no namoro, respetivamente, previstos pelas experiências precoces de vida negativas e mediadas pelos processos de vergonha interna e vergonha externa. Verifica-se que a agressão na violência no namoro é o processo menos dependente dos processos vergonha interna, vergonha externa e experiências precoces de vida negativas. Além disso, a vergonha externa (12%) é a variável menos dependente da dimensão experiências precoces de vida negativas, sendo a vergonha interna (14%) a variável mais dependente. Analisando as trajetórias das variáveis predictoras para as critério, constata-se que as

mais elevadas se prendem com a influência da dimensão experiências precoces de vida negativas na vergonha interna ( $\beta = .373$ ). As experiências precoces de vida negativas também apresentam uma elevada influência na vergonha externa ( $\beta = .347$ ). As trajetórias não significativas correspondem à influência da vergonha interna no processo de agressão na violência no namoro ( $\beta = .079$ ), assim como da vergonha externa na vitimização na violência no namoro ( $\beta = .079$ ).

No Quadro 2 são apresentados os coeficientes de regressão estandardizados para os efeitos diretos, indiretos e totais correspondentes à Figura 1.

**Quadro 2 - Efeitos diretos (Dir), indiretos (Ind) e totais (T) das Experiências Precoces de vida Negativas, Vergonha Externa e Vergonha interna: coeficientes de regressão múltipla**

	Experiências Precoces de vida			Vergonha Externa			Vergonha Interna		
	Dir	Ind	T	Dir	Ind	T	Dir	Ind	T
Vergonha Externa	.347	.000	.347	.000	.000	.000	.000	.000	.000
Vergonha Interna	.373	.000	.373	.000	.000	.000	.000	.000	.000
Agressão	.155	.066	.220	.079	.000	.079	.103	.000	.103
Vitimização	.116	.043	.159	.110	.000	.110	.014	.000	.014

Como se pode observar, no Quadro 2, a variável que mais influencia as restantes, são as Experiências Precoces de Vida que têm influência direta em todas as variáveis. Verifica-se que a influência exercida é superior na Vergonha Interna ( $\beta = .373$ ), seguida da Vergonha Externa ( $\beta = .347$ ), a Agressão ( $\beta = .155$ ) e por último, a Vitimização ( $\beta = .116$ ). O efeito direto das Experiências Precoces de Vida observado na vergonha interna, de  $\beta = .373$ , corresponde ao maior efeito direto de todos os coeficientes.

Verifica-se que a Agressão corresponde à variável mais influenciada pelos efeitos indiretos da mediação com as Experiências Precoces de Vida ( $\beta = .066$ ), sendo que a Vitimização também é influenciada indiretamente pelas Experiências Precoces de Vida ( $\beta = .043$ ).

Como se pode observar, a Vergonha Externa influencia de forma direta a Agressão e a Vitimização, não influenciando indiretamente

nenhuma outra variável. O efeito direto da Vergonha Externa na Agressão, é de  $\beta = .079$ , e na Vitimização é de  $\beta = .110$ . A Vergonha Interna influencia de forma direta apenas as Experiências de Agressão ( $\beta = .103$ ) e Vitimização ( $\beta = .014$ ), não influenciando indiretamente nenhuma variável.

Desta forma, as Experiências Precoces de Vida são a única variável que influencia de forma direta todas as variáveis, sendo que, de forma indireta, apenas influenciam a agressão e vitimização. As variáveis Agressão e Vitimização, são influenciadas de forma direta e indireta pelas Experiências Precoces de Vida, Vergonha Externa e Vergonha Interna.

## V - Discussão

A Violência nas Relações de Intimidade Juvenil é um problema significativo, não só devido à sua alarmante prevalência e às consequências para a saúde física e mental, mas também porque ocorre numa fase de vida onde se iniciam as relações românticas e são aprendidos padrões relacionais que podem transitar para a vida adulta.

Neste sentido, a presente investigação teve como principais objetivos conhecer as manifestações da violência na intimidade juvenil e analisar o papel mediador da Vergonha Interna e Externa na relação entre as Experiências Precoces Negativas e a Violência nas Relações de Intimidade Juvenil.

As experiências de violência familiar na infância, diretas ou indiretas experienciadas pelos sujeitos, têm sido associadas com a perpetração do abuso físico e psicológico mas também com a vitimização destes tipos de mau trato. Dos sucessivos episódios violentos, resultam experiências de vergonha, considerada por Tangney & Dearing (2002), como uma variável passível de exercer um impacto significativo em múltiplos contextos do desenvolvimento.

No presente estudo, alguns dos resultados foram ao encontro do que já havia sido relatado pela comunidade científica, outros adquiriram contornos significativos. Pretende-se, neste capítulo, sintetizar os mesmos, bem como, proceder à sua discussão, de forma a compreender o seu valor e significado.

Quanto à análise da ocorrência das manifestações de violência nas relações de namoro e nas relações que implicaram envolvimento sem compromisso, foi possível verificar que não existem grandes discrepâncias no que concerne à Vitimização e à Perpetração. No entanto, e no que diz respeito às diferenças entre as relações de namoro e as relações de envolvimento sem namoro, a única diferença encontrada diz respeito a uma maior utilização de estratégias de resolução de conflitos positivas nas relações de namoro, tanto em situações de vitimização como de perpetração.

Apesar de tendencialmente não haver diferença entre as relações de namoro e as relações de envolvimento sem compromisso de namoro, e à falta de estudos que possam fundamentar estes resultados, uma possível explicação seria a de que, nestas últimas, os adolescentes do presente estudo reconhecem recorrer a estratégias e comportamentos violentos, que podem ser melhor explicados por dificuldades na resolução positiva e sadia, de conflitos.

Numa análise mais detalhada das percentagens de resposta que traduziam a vivência, ou não, de violência nas relações de intimidade juvenil ressaltaram dados que são merecedores de atenção. Apesar de serem expressivamente maiores as percentagens de adolescentes que respondem nunca ter experienciado ou perpetrado violência nas suas relações amorosas, as percentagens dos “sim” não são desprezíveis, principalmente se for tida em conta a idade destes adolescentes, a fase de

Associações entre a Violência nas Relações de Intimidade Juvenil, as Experiências Precoces Negativas e a Vergonha na Adolescência

Mafalda Gouveia (e-mail: mgouveia12@gmail.com) 2015

desenvolvimento em que se encontram e o facto de serem estas relações amorosas as primeiras das suas vidas.

Destaca-se nestes resultados, o número de adolescentes que referem serem vítimas de violência verbal ou de também a utilizarem nas relações amorosas (um pouco mais de 50%), o recurso a estratégias negativas para resolver conflitos (quase metade da amostra) e a comportamentos de ameaça (cerca de 30%). Lidos no seu conjunto, estes resultados sugerem dificuldades por parte dos adolescentes em gerir os momentos de menor sintonia e de conflito que surgem nas suas relações amorosas.

Um outro objetivo deste estudo, prendeu-se com a análise das manifestações de violência nas relações de intimidade destes adolescentes em função do Sexo, Idade, Nível Socioeconómico, e área de Residência, fatores que, segundo Caridade (2011), constituem fatores de risco que predeterminam o envolvimento em atos violentos, por parte de crianças e jovens, quer como vítimas, quer como agressores.

Os resultados obtidos neste estudo, revelam que não existem diferenças nos índices de perpetração masculina e feminina. Estes resultados contestam os dados sociodemográficos obtidos por Machado (2010), que referem que os rapazes manifestam uma maior concordância com as crenças que legitimam e desculpabilizam a conduta agressiva. Quanto à vitimização sentida pelos adolescentes do sexo masculino, também estes, são mais elevados em comparação com o sexo feminino. Tal significa que os rapazes consideram ser mais vítimas de violência nas suas relações de intimidade juvenil do que as raparigas. Estes resultados não encontram fundamento na teoria de Follingstad et al. (1991), que sugere que são as mulheres as maiores vítimas de violência em relação aos homens.

Através da comparação entre grupos etários, foi possível verificar que não existem diferenças ao nível da vitimização, nem ao nível da perpetração. Deste modo, é possível concluir que a vitimização e perpetração, estão presentes, de igual modo, nas idades compreendidas nesta amostra. Apesar de não se encontrarem diferenças significativas quanto aos padrões de comportamentos agressivos e de vitimização, os valores obtidos pelo estudo desta amostra, são tendencialmente altos, no que respeita a referências de comportamentos de Vitimização e de Perpetração.

Quanto aos dados obtidos relativamente ao Nível Socioeconómico, também não foram encontradas diferenças com significado estatístico para a vitimização e para a perpetração. Estes resultados, não encontram fundamento na teoria de Caridade (2008) que refere, como um dos principais fatores relacionados com a violência nas relações de intimidade juvenil, a pertença a uma comunidade com carências socioeconómicas.

Quando se considera a Área de Residência verifica-se, que existem diferenças com significado estatístico tanto ao nível da vitimização como ao nível da perpetração. A análise destes resultados, revelou que os adolescentes que vivem em zonas predominantemente urbanas

consideram ser mais vitimizados mas também mais perpetradores de violência nas relações de intimidade juvenil do que os adolescentes que vivem em zonas predominantemente rurais.

Estes resultados vão ao encontro do estudo de Lane e Gwartney-Gibbs (1985), que demonstrou que os jovens que habitam em locais predominantemente urbanos reportam mais comportamentos violentos, do que os jovens que habitam locais rurais, o que poderá ser explicado pela sobre estimulação de comportamentos normativos e não normativos, presente nas cidades.

Corroborando a ideia acima referida, Lewis & Fremouw (2001), referem que, indivíduos que crescem em zonas urbanas onde há maiores índices de violência, estão mais frequentemente envolvidos em atos violentos do que aqueles que crescem em zonas rurais.

Um outro objetivo do presente estudo prendia-se com a análise da relação entre a violência nas relações de intimidade dos adolescentes e as suas memórias acerca de experiências precoces negativas. Investigações anteriores já haviam demonstrado que adolescentes que vivem em ambiente familiar hostil apresentam maior probabilidade de desenvolver comportamentos violentos no futuro, ou de serem vítimas de violência nas suas relações afetivas (Minayo, Assis e Njaine, 2011), mas até ao momento não foram encontrados estudos que considerassem estas experiências na sua relação com as experiências de Vergonha Interna e Vergonha Externa. Os resultados obtidos pelo presente estudo apontam para a relação direta que as Experiências Precoces de Vida têm com as Experiências de Vergonha Interna, Vergonha Externa, a Agressão e Vitimização. A influência indireta das Experiências Precoces de Vida manifesta-se, sobretudo, nos níveis de Agressão, por comparação aos restantes domínios estudados.

À luz do conhecimento teórico e empírico existente, estes resultados podem ter diversas interpretações: em primeiro lugar, a verdade é que a adolescência é, por natureza, um período caracterizado por alterações desenvolvimentais significativas e grande instabilidade emocional (Jackson, Cram, & Seymour, 2000), sendo que o comportamento de cada indivíduo é determinado pelo ambiente em que este está inserido, através de mecanismos de observação, reforço, modelagem ou coação (Gelles, 1997). Em segundo lugar, a associação entre acontecimentos stressantes e a perpetração de violência na intimidade é mais evidente entre indivíduos com elevados níveis de experiências adversas na infância (Roberts et al., 2011).

Discutidos os resultados relativos à relação entre a violência nas relações de intimidade dos adolescentes e as suas memórias acerca de experiências precoces negativas, segue-se a análise do papel mediador da vergonha interna e externa na relação entre as experiências precoces negativas e a violência nas relações de intimidade juvenil.

No que diz respeito aos níveis de significância dos processos de Vitimização e Agressão no namoro previstos pelas Experiências Precoces de Vida negativas mediados pelos processos de Vergonha Interna e

Vergonha Externa, pode concluir-se que: os processos de Vitimização e Agressão na Violência no Namoro, previstos pelas Experiências Precoces de Vida negativas apresentaram resultados de fraca variabilidade, pelo que se verificou que a Agressão na violência no namoro é o processo menos dependente das Experiências Precoces de Vida negativas. Estes resultados não encontram fundamento na teoria de Bartholomew et al. (2001), que refere que, no que respeita à perpetração de violência nas relações íntimas, devido aos níveis de ansiedade fomentados pelo medo de abandono e rejeição, advindos de experiências precoces negativas de vida, é expetável que estes indivíduos tendam a experienciar níveis elevados de afeto negativo, o que torna estes sujeitos prováveis abusadores.

Atendendo agora à relação entre a Vergonha Externa e a Vergonha Interna, esta última revela-se a variável mais dependente, portanto, a que mais sofre a influência das Experiências Precoces de Vida. À luz do conhecimento teórico e empírico existente, estes resultados podem ter diversas interpretações. Em primeiro lugar, a vergonha interna conduz o indivíduo a adotar esquemas de subordinação ou submissão, que estão associados à autodesvalorização, a atribuições internas negativas, à auto-monitorização e à autoculpabilização, desenvolvidas no decorrer de Experiências Precoces de Vida Adversas (Gilbert, 2010).

Em segundo lugar, Gilbert e Perris (2000), referem que, quando os pais, ou outros significativos, são incapazes de gerar segurança, de transmitir confiança e são ameaçadores, permanecem comportamentos como a submissão. Estas Experiências Precoces negativas contribuem para o desenvolvimento de sentimentos de vergonha, que estão diretamente relacionados com a perceção negativa que o indivíduo pensa que os outros têm de si, enquanto objeto social indesejado, defeituoso, inadequado e inferior (Allan, Gilbert e Goss, 1994; Matos e Pinto-Gouveia, 2009).

Analisando as variáveis preditoras, pode verificar-se que as dimensões com maior influência são as Experiências Precoces de Vida negativas na Vergonha Interna, apresentando também uma elevada influência na Vergonha Externa. A relação das dimensões com menos significância, correspondem à influência da Vergonha Interna no processo de Agressão na violência no namoro, assim como da Vergonha Externa na Vitimização na violência no namoro. Segundo Gilbert (2010), a resposta de humilhação será uma resposta externalizante, em que o indivíduo adota um comportamento dominante agressivo e de ataque, através do qual tenta criar um sentido de segurança pessoal por desvalorização dos outros, ou de ataque de indivíduos que possam constituir uma ameaça.

Atendendo então, à análise dos efeitos diretos das variáveis preditoras – Experiências Precoces de Vida, Vergonha Interna e Vergonha Externa -, em relação às variáveis preditas – Agressão e Vitimização -, pode verificar-se que, a variável que mais influencia as restantes, são as Experiências Precoces de Vida. A principal variável

preditora, apresenta uma influência direta em todas as variáveis, sendo que, a influência exercida é superior na Vergonha Interna, seguida da Vergonha Externa, a Agressão, e por último, a Vitimização. Dado que as experiências de vergonha, resultam, muitas vezes, de experiências de cariz traumático ou experiências desenvolvimentais adversas esta influência direta das Experiências Precoces de Vida, com a Vergonha, assume grande concordância com resultados já apresentados anteriormente.

A influência direta assumida entre as duas variáveis, encontra fundamento nas teorias de Allan, Gilbert e Goss (1994), e Matos e Pinto-Gouveia (2009), que defendem que são as Experiências Precoces de Vida Adversas, que contribuem para o desenvolvimento de sentimentos de vergonha, diretamente relacionados com a perceção negativa que o indivíduo pensa que os outros têm de si, através dos quais, o indivíduo adota esquemas de subordinação/ submissão, quando expostos a experiências de Vergonha Interna, ou comportamentos dominantes agressivos e de ataque, aquando da experiência de sentimentos de vergonha Externa.

O efeito direto das Experiências Precoces de Vida observado na Vergonha Interna, corresponde ao maior efeito direto entre todas as variáveis. De forma indireta, as Experiências Precoces de Vida, apenas influenciam a agressão e a vitimização. No que se refere aos efeitos indiretos entre as diferentes variáveis, verifica-se que a Agressão corresponde à variável mais influenciada pelos efeitos indiretos da mediação com as Experiências Precoces de Vida, sendo que a Vitimização, em menor intensidade, também é influenciada indiretamente pelas Experiências Precoces de Vida. Neste sentido, e como refere Bartholomew et al. (2001), um indivíduo exposto a vivências precoces adversas, de forma direta ou indireta, é mais propenso à perpetração e aceitação de comportamentos violentos contra futuros parceiros amorosos.

No que concerne à Vergonha Interna, esta influencia de forma direta apenas as Experiências de Agressão e Vitimização, não influenciando indiretamente nenhuma variável. A Vergonha Externa influencia de forma direta a Agressão e a Vitimização, não influenciando indiretamente nenhuma outra variável. Estas duas ultimas variaveis são influenciadas de forma direta e indireta pelas Experiências Precoces de Vida, Vergonha Externa e Vergonha Interna.

## VI - Conclusões

A investigação que culminou nesta dissertação teve como objetivo estudar a associação entre a Violência nas Relações de Intimidade Juvenil, as Experiências Precoces Negativas e a Vergonha na Adolescência. Dada a influência comprovada das Experiências Precoces de Vida em múltiplos contextos do desenvolvimento, foi ainda examinado o eventual papel mediador da Vergonha, na relação entre as Experiências Precoces Negativas e a Violência nas Relações de Intimidade Juvenil.

Após a análise dos resultados obtidos pelo presente estudo, pode constatar-se que: (1) não se verificam alterações significativas ao nível da Vitimização e Perpetração em função do tipo de relação; (2) o sexo masculino reporta mais Perpetração do que Vitimização de comportamentos violentos; (3) a vivência de Experiências Precoces Adversas, de forma direta ou indireta, aumenta a propensão para a perpetração e aceitação de comportamentos violentos.

Tomando em consideração estes e outros resultados obtidos, considera-se, de um modo geral, que os objetivos propostos pelo presente estudo foram alcançados, sendo que, de uma forma geral, estes resultados ainda são preocupantes porque demonstram um padrão nos relacionamentos atuais dos jovens, em que estes parecem legitimar a perpetração de comportamentos agressivos e abusivos nas suas relações íntimas.

Ainda assim, este estudo comporta algumas limitações que impossibilitam a generalização de alguns dos resultados obtidos, ou a sua utilização para referência futura, como o facto de a amostra comportar maioritariamente elementos do sexo feminino. Uma outra limitação do presente estudo, prende-se com o facto de ficar por clarificar a existência e o modo como os sexos masculino e feminino, com historial de maus tratos na infância, diferem na sua capacidade de manter uma relação íntima saudável.

A amostra utilizada, revela baixos níveis de experiências de vida adversas e de violência, que do ponto de vista estatístico poderá comprometer a sensibilidade para a deteção de algumas associações. Sugere-se, assim, a possibilidade de em investigações futuras este estudo ser replicado com amostras de adolescentes em risco por vivência de maus tratos.

Sugere-se, também, a realização de estudos que se centrem no par amoroso, de forma a melhor compreender as dinâmicas relacionais. Estudos longitudinais, que permitam observar a mesma população alvo e realizar avaliações em mais do que um momento ao longo do tempo, poderão elucidar quanto aos fatores que levam os jovens a manter relacionamentos abusivos.

### Referências bibliográficas

Allan, S., Gilbert, P., & Goss, K. (1994). An exploration of shame measures: II: Psychopathology. *Personality and Individual Differences*, 17, 719-722.

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (1998). *Manual alcipe para o atendimento de mulheres vítimas de violência, parte II*. Lisboa: APAV.

Arriaga, X., & Oskamp, S. (1999). The nature, correlates, and consequences of violence in intimate relationships. In X. Arriaga & S. Oskamps (eds.), *Violence in intimate relationships* (pp. 3-16). London: Sage.

Bartholomew, K., Henderson, A. J. Z., & Dutton, D. G. (2001). Insecure attachment and abusive intimate relationships. In C. Clulow (Ed.), *Adult attachment and couple psychotherapy: Applying the 'secure base' in practise and research*, 61. London: Brunner-Routledge.

Bertoldo, R. B., Barbará, A. (2006) Representação social do namoro: a intimidade na visão dos jovens. *PsicoUSF*, 11, 229-237.

Black, D.S., Sussman, S., & Unger, J. B. (2010). A Further Look at the Intergenerational Transmission of Violence: Witnessing Interparental Violence in Emerging Adulthood. *Journal of Interpersonal Violence*, 25, 1022-1042.

Caridade, S. (2008). Violência nas relações de intimidade: comportamentos e atitudes dos jovens (*Tese de doutoramento em psicologia*). Universidade do Minho, Instituto de educação e psicologia.

Caridade, S. (2011). *Vivências Íntimas Violentas, Uma abordagem científica*. Coimbra: Edições Almedina.

Castilho, P. (2011). Modelos de relação interna: autocríticismo e autocompaixão. Uma abordagem evolucionária compreensiva da sua natureza, função e relação com a psicopatologia (*Dissertação de Doutoramento não publicada*). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Coimbra, Coimbra.

Chase, K. A., Treboux, D., & O'Leary, K. D. (2002). Characteristics of high-risk adolescent's dating violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 17, 33-49. doi: 10.1177/0886260502017001003.

Claesson, K., & Sohlberg, S. (2002). Shame and interpersonal scripts: Internalized and other scripts characterized by indifference,

Associações entre a Violência nas Relações de Intimidade Juvenil, as Experiências Precoces Negativas e a Vergonha na Adolescência

Mafalda Gouveia (e-mail: mgouveia12@gmail.com) 2015

abandonment and rejection: Replicated findings. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 59, 277- 284.

Cook (1996). *ISS – Internalized Shame Scale*. Manuscrito não publicado.

Erikson, E. (1987). *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.

Fischer, G. (1994). *A Dinâmica Social: violência, poder, mudança*. Lisboa: Planeta ISPA.

Follingstad, D., Wright, S., Lloyd, S., & Sebastian, J. (1991). Sex differences in motivations and effects in dating relationships. *Family Relations*, 40, 51-57.

Gelles, R. J. (1997). *Intimate violence in families*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Gilbert, P. (1993). Defence and safety: Their function in social behavior and psychopathology. *British Journal of Clinical Psychology*, 32, 131-154.

Gilbert, P. (1998). Shame and humiliation in the treatment of complex cases. In N. Tarrier., G. Haddock, & A. Wells (Eds.), *Complex Cases: The Cognitive Behavioural Approach*, 241–271. Wiley: Chichester.

Gilbert, P. (2000). Social mentalities: Internal “social” conflicts and the role of inner warmth and compassion in cognitive therapy. In P. Gilbert, & K. G. Bailey (Eds.), *Genes on the couch: Explorations in evolutionary psychotherapy*, 118-150. Hove: Psychology Press.

Gilbert, P. (2003). Evolution, social roles, and differences in shame and guilt. *Social Research: An International Quarterly of the Social Sciences*, 70, 1205-1230.

Gilbert, P. (2010). *Compassion focused therapy: distinctive features*. London: Routledge.

Gilbert, P., Cheung, M., Grandfield, T., Campey, F., & Irons, C. (2003). Recall of threat and submissiveness in childhood: Development of a new scale and its relationship with depression, social comparison and shame. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 10(2), 108-115. doi: 10.1002/cpp.359.

Gilbert, P., & McGuire, M. T. (1998). Shame, status, and social  
Associações entre a Violência nas Relações de Intimidade Juvenil, as  
Experiências Precoces Negativas e a Vergonha na Adolescência  
Mafalda Gouveia (e-mail: mgouveia12@gmail.com) 2015

roles: Psychobiology and evolution. In P. Gilbert, & B. Andrews (Eds.), *Shame: Interpersonal behaviour, psychopathology, and culture*, 99-125. New York: Oxford University Press.

Gilbert, P., & Perris, C. (2000). Early Experiences and Subsequent Psychosocial Adaptation. An introduction. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 7, 243-245.

Gross, C. A., & Hansen, N. E. (2000). Clarifying the experience of shame: The role of attachment style, gender, and investment in relatedness. *Personality and Individual Differences*, 28, 897-907.

Hettrich, E. L., & O' Leary, K. D. (2007). Females' Reasons for Their Physical Aggression in Dating Relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 22, 1131-1143.

Hickman, L., & Jaycox, L. (2004). Violence Among Adolescents Prevalence, Gender Distribution, and Prevention Program Effectiveness. *Trauma, Violence, & Abuse*, 5, 123-142.

Jackson, S.M., Cram, F., & Seymour, F.W. (2000). Violence and sexual coercion in high school students' dating relationships. *Journal of Family Violence*, 15, 23-36.

Kaura, S. A., & Allen, C. M. (2004). Dissatisfaction with relationships power and dating violence perpetration by men and women. *Journal of Interpersonal Violence*, 19, 576-588.

Lagerback, B. (1991). *Victims of crime and their reactions*. Crisis Centre in Stockholm: Skandia Group.

Lane, K., & Gwartney-Gibbs, P. A. (1985). Violence in the context of dating and sex. *Journal of Family Issues*, 6, 45-49

Levinsky, D. (1995). *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Lewis, S., & Fremouw, W. (2001). Dating violence: a critical review of the literature. *Clinical Psychology Review*, 21, 105-27.

Linder, J. R., & Collins, W.A. (2005). Parent and peer predictors of physical aggression and conflict management in romantic relationships in early adulthood. *Journal of Family Psychology*, 19, 252-262.

Machado, C. (2010). *Novas formas de vitimação criminal*. Braga: Psiquilibrios Edições.

Machado, C., Caridade, S. & Martins, C. (2010). Violence in Juvenile Dating Relationships Self-Reported Prevalence and Attitudes in a Portuguese Sample. *Journal of Family Violence*, 25, 43–52. doi: 10.1007/s10896-009-9268-x.

Machado, C., Gonçalves, M., Almeida, L., & Simões, M. (2011). *Instrumentos e contextos de avaliação psicológica* (vol. I). Coimbra: Almedina.

Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33, 69-83.

Magdol, L., Moffitt, T.E., Caspi, A., Newman, D.L., Fagan, J., & Silva, P.A. (1997). Gender differences in partner violence in a birth cohort of 21-years-olds: Bridging the gap between clinical and epidemiological approaches. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65, 68-78.

Manita, C., Ribeiro, C., & Peixoto, C. (2009). *Violência Doméstica: Compreender para intervir (guia de boas práticas para profissionais de instituições de apoio à vítima)*. Comissão para a cidadania e igualdade de género. Presidência do Conselho de Ministros.

Marcos, T. (2014). *Delinquência juvenil, violência no namoro e aceitação/rejeição do parceiro íntimo: um estudo com jovens rapazes portugueses internados em centros educativos*. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Porto.

Matos, A. P. M. (2004). Violência na televisão e desenvolvimento do comportamento agressivo: o papel da aprendizagem social. In A. Fonseca (org.). *Comportamento Anti-Social e Crime. Da Infância à Idade Adulta*. Coimbra: Almedina.

Matos, M. (2002). Violência conjugal. In C. Machado, & R. A. Gonçalves (Coords.). *Violência e vítimas de crimes. Vol I: Adultos* (pp. 81-130). Coimbra: Quarteto.

Matos, M., & Machado, C. (1999). Violência conjugal e o modelo de intervenção em crise. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 373-388.

Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. J. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8, 55-75.

Matos, M., Negreiros, J., Simões, C. & Gaspar, T. (2009).  
Associações entre a Violência nas Relações de Intimidade Juvenil, as  
Experiências Precoces Negativas e a Vergonha na Adolescência  
Mafalda Gouveia (e-mail: mgouveia12@gmail.com) 2015

*Violência, bullying e delinquência*. Lisboa: Coisas de Ler Edições.

Matos, M., & Pinto-Gouveia, J. (2009). Shame as a Traumatic Memory. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 17, 299-312. doi: 10.1002/cpp.659.

Mendes, F. (2006). Percursos da violência. Da família de origem à conjugalidade: um estudo com jovens adultos a frequentarem o ensino superior (*Tese de Mestrado não publicada*). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.

Minayo, M. C., Assis, S. G., & Njaine, K. (2011). *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do "ficar" entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Fiocruz Editora.

Nascimento, F. S., & Cordeiro, R. L. M. (2011). Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicologia & Sociedade*, 23(2), 516-525.

O'Keefe, M. (1997). Predictors of dating violence among high school students. *Journal of Interpersonal Violence*, 12, 546-568.

O'Keefe, M. (2005). Teen Dating Violence: A Review of Risk Factors and Prevention Efforts. National Electronic Network on Violence Against Women. Acedido Junho 18, 2015, em [www.vawnet.org/DomesticViolence/Research/VAWnetDocs/AR\\_TeenDatingViolence.pdf](http://www.vawnet.org/DomesticViolence/Research/VAWnetDocs/AR_TeenDatingViolence.pdf).

Osofsky, J. (1997). Children and youth violence: An overview of the issues. In J. Osofsky (Ed.), *Children in a violent society*, 3-8. New York: Guilford.

Osofsky, J. D. (2003). Prevalence of children's exposure to domestic violence and child maltreatment: Implications for prevention and intervention. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 6, 161-170. doi: 10.1023/A:1024958332093.

Paiva, C., & Figueiredo, B. (2003). Abuso no Contexto do Relacionamento Íntimo Com o Companheiro: Definição, Prevalência, Causas e Efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4, 165-184.

Paradis, A., & Boucher, S. (2010). Child maltreatment history and interpersonal problems in adult couple relationships. *Journal of Aggression, Maltreatment and Trauma*, 19, 138-158.

Prata, M. (2008). A discriminação contra os homossexuais e os movimentos em defesa de seus direitos (*Tese de Mestrado não publicada*). Associação entre a Violência nas Relações de Intimidade Juvenil, as Experiências Precoces Negativas e a Vergonha na Adolescência  
Mafalda Gouveia (e-mail: [mgouveia12@gmail.com](mailto:mgouveia12@gmail.com)) 2015

*publicada*). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil.

Riggs, S. A., Cusimano, A. M., & Benson, K. M. (2011). Childhood emotional abuse and attachment processes in the dyadic adjustment of dating couples. *Journal of Counseling Psychology*, 58, 126-138.

Roberts, A. L., McLaughlin, K. A., Conron, K. J., & Koenen, K. C. (2011). Adulthood stressors, history of childhood adversity, and risk of perpetration of intimate partner violence. *American Journal of Preventive Medicine*, 40, 128-138. doi:10.1016/j.amepre.2010.10.016.

Roberts, T. A., Klein, J. D., & Fisher, S. (2003). Longitudinal effect of intimate partner abuse on high-risk behaviour among adolescents. *Archives Pediatric Adolescent Medicine*, 157, 875-881.

Sani, A. I., & Oliveira, M. S. (2009). *A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro*, 162-170. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.

Saavedra, R., Machado, C., Martins, C., & Vieira, D. (2011). Inventário de conflitos nas relações de namoro entre adolescentes. In C. Machado, M. M. Gonçalves, L. Almeida, & M. R. Simões (Coords.), *Instrumentos e contextos de avaliação psicológica, Vol. I*. Coimbra: Almedina.

Schwartz, M., O'Leary, S. G., & Kendziora, K. T. (1997). Dating aggression among high school students. *Violence and Victims*, 12, 295.

Simon, V.A., & Furman, W. (2010). Interparental conflict and adolescents' romantic relationship conflict. *Journal of Research on Adolescence*, 20, 188-209.

Straus, M. A., & International Dating Violence Research Consortium (2004). Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence Against Women*, 10, 790-811.

Straus, M. A., & Ramirez, I. L. (2002). *Gender symmetry in prevalence, severity and chronicity of physical aggression against dating partners by university students in México and USA*. Family Research Laboratory, University of New Hampshire.

Sugarman, D.B., & Hotaling, G.T. (1989). Dating violence: Prevalence, context and risk markers. In M.A. Pirog-Good, & J.E. Stets (Eds.), *Violence in dating relationships: Emerging social issues*, 3-32. New York: Pareger.

Tangney, J. P., & Dearing, R. (2002). *Shame and guilt in interpersonal relationships*. New York: Guilford Press.

Tyler, K. A., & Melander L. (2012). Poor Parenting and Antisocial Behavior among Homeless Young Adults: Links to Dating Violence Perpetration and Victimization. *Journal of Interpersonal Violence*, 27, 1357-1373.

Weingartner, C. L., John, D., Bonamigo, L. D. R. & Goidanich, M. (1995). *O Ficar e o Namorar visto pelos Adolescentes*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 8, 181-203.

Wekerle, C., & Wolfe, D. (1999). Dating violence in mid-adolescence: Theory, significance, and emerging prevention initiatives. *Clinical Psychology Review*, 19(4), 435-456.

Widom, C.S. (1989). The cycle of violence. *Science*, 244, 60-166.

Wolfe, D. A., Scott, K., Reitzel-Jaffe, D., Wekerle, C., Grasley, C., & Straatman, A. (2001). Development and validation of the Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory. *Psychological Assessment*, 13, 277-293.

Wolfe, D. A., Wekerle, C., Gough, R., Reitzel-Jaffe, D., Grasley, C., Pittman, A., & Stumpf, J. (1996). *Youth relationships manual: A group approach with adolescents for the prevention of woman abuse and the promotion of healthy relationships*. Thousand Oaks, CA: Sage.

## Anexos